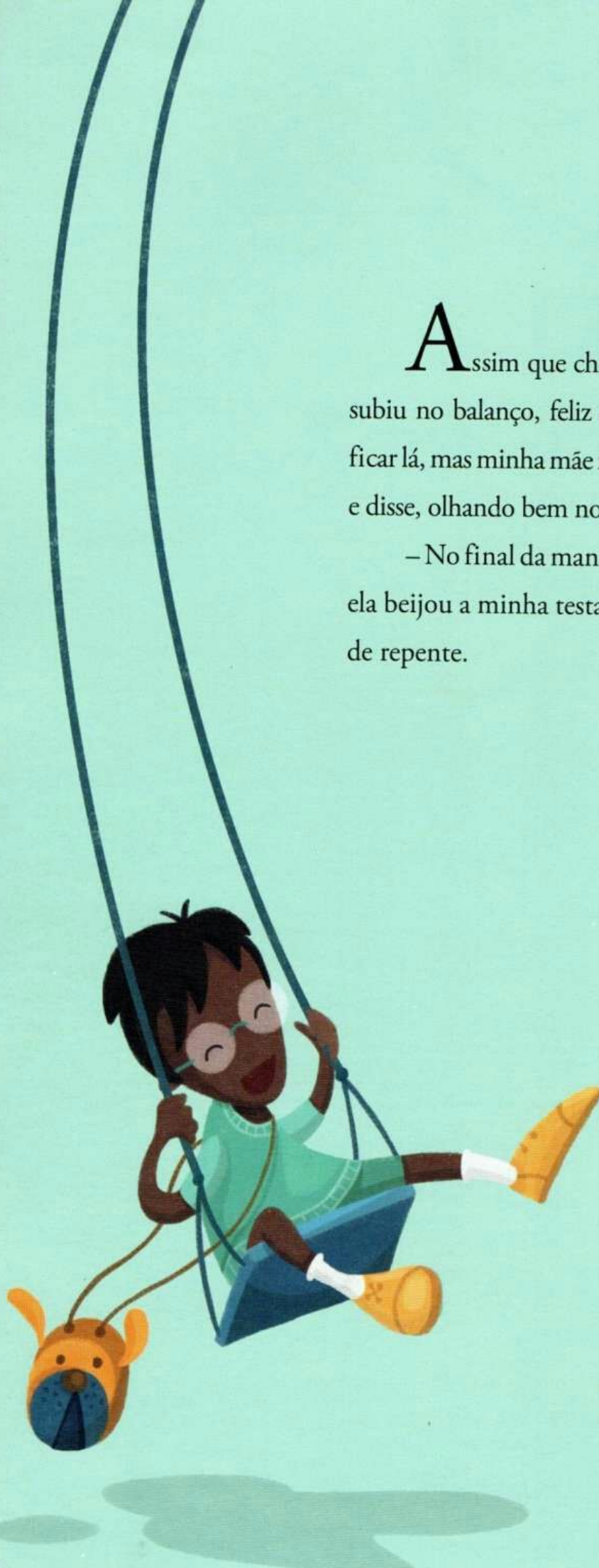
Daniela de Brito

Lápis cor de pele

Ilustrações: Polly Duarte

Era nosso primeiro dia na escola. Já tínhamos sete anos. Nossa mãe sempre contava histórias para nós, ensinava as coisas. Como eu adorava viver no meio dos livros, sabia ler um pouco mais que o meu irmão, Miguel. Ele gostava mesmo era de correr e brincar no quintal.

A escola era perto de nossa casa, em frente à praça. Fomos a pé, acompanhados de nossos pais.

Assim que chegamos, Miguel saiu correndo e subiu no balanço, feliz da vida. Eu não sabia se queria ficar lá, mas minha mãe me deu um abraço bem apertado e disse, olhando bem nos meus olhos:

– No final da manhã venho buscar vocês – e então ela beijou a minha testa com doçura, e fiquei corajosa de repente.

Saí andando pelo corredor, e a professora Roberta veio me receber com um abraço.

– Seja bem-vinda, querida! – e me acompanhou até a minha sala.

A professora já nos conhecia. No dia em que fomos visitar a escola, ela nos recebeu com a diretora. Aliás, a diretora nos pareceu um doce de pessoa. Depois fiquei sabendo que os meninos e as meninas morriam de medo dela. Se estivessem correndo pelo pátio e dessem de cara com ela, ficavam quietinhos, feito estátuas. Diziam que a diretora tinha um radar, porque, assim que os meninos começavam a correr, ela aparecia do nada. Acredita? Diziam também que, se ficasse brava, se transformava numa bruxa má, muito má! Não sei... Vou ficar de olho.

Mais alguns alunos entraram na sala. Miguel veio minutos depois, quando a *prô* Roberta o buscou no parque.

No início da aula, a professora pediu que cada um dissesse seu nome. Meu coração ficou tão, mas tão acelerado, que, quando fui dizer, acabei esquecendo meu nome! Verdade! Então me deu um branco! Nunca tinha falado para tanta gente me ouvir antes. Mas a *prô* Roberta segurou a minha mão e sussurrou meu nome em meu ouvido. E eu falei:

– Ana.

Miguel, ah, ele falou seu nome tão feliz, tão rápido, que quase ninguém entendeu direito, e a professora pediu para ele repetir. Meu irmão era tão corajoso, tão seguro, tão consciente de suas qualidades. E eu o admirava por isso.

Depois a *prô* Roberta formou um círculo, pediu que sentássemos e explicou como seria nosso dia. Faríamos alguns desenhos, ouviríamos músicas, faríamos um piquenique, brincaríamos no parque e teríamos uma gincana.

Eu nem sabia o que era gincana, mas, assim que ela amarrou fitas azuis nos punhos de alguns e fitas vermelhas nos punhos de outros, entendi que iríamos brincar muito. Eu adorei. Você também gosta de brincar?

Ao final da aula, a *prô* pediu que cada um se desenhasse. Então, Gabriela, lá do fundo, gritou:

— *Prô*, me empresta "lápis cor de pele"?

Fiquei sem entender. Luís logo respondeu:

– Eu tenho!

E emprestou a ela um lápis clarinho, meio rosa... "Que estranho", eu pensei. Olhei para Miguel para perguntar se ele havia entendido, mas meu irmão estava se desenhando com a camiseta do seu time preferido – e, quando o assunto era seu time preferido, melhor não interromper. De jeito nenhum. Acabei ficando sozinha com meus pensamentos.

Minha mãe nos pegou no final da manhã, exatamente como havia prometido. Fomos para casa, e fiquei pensando no que tinha acontecido na escola. Não entendia como um lápis rosinha poderia ser "lápis cor de pele"! Minha pele era tão, mas tão branquinha. Não era rosa. Na-na-ni-na-não.

Em casa observei meu pai. Também era branquinho, como eu, e tinha os olhos azuis. Meu irmão tinha os olhos iguais aos dele. Eu me perdi naquela imensidão dos olhos azuis do meu pai, que percebeu que eu o admirava. Sorriu-me e disse:

– Senti sua falta, Ana!

Levantei do tapete, dei um super, hiper, mega, abraço nele e fui para o quintal procurar Miguel. Como meu irmão gostava de jogar bola!

Quando cheguei lá fora, meu Deus! Miguel não tinha a pele como a nossa. Sua pele era tão, tão escura. Era uma cor que parecia marrom. E eu nunca tinha percebido aquilo! Seus olhos eram parecidos com os do meu pai, mas a cor de sua pele... Não parecia com a nossa. Nesse momento, mamãe chamou lá da cozinha:

– Crianças, preparei um suco delicioso para vocês.

Entramos, Miguel correndo como sempre, e eu pensando na palidez da minha pele e no colorido da pele dele.

Quando minha mãe veio perguntar se a gente já tinha lavado as mãos, foi aí que notei! Minha mãe tem a pele bem escura, igual à de Miguel. Seus olhos são escuros como os meus, seus cabelos encaracolados como os meus, mas a sua pele é exatamente da mesma negritude da pele de Miguel. Como eu nunca havia percebido isso?

– Mãe, por que não tenho a mesma cor da sua pele?

Meus pais se olharam e deram uma deliciosa gargalhada!

– Filha, você nunca havia percebido?

– Não, mãe! Nunca vi diferença entre nós. Agora vi que sou branca como meu pai, e você e Miguel têm a pele tão escura.

— Filha, seu pai é branco, de olhos claros, e eu, negra, de olhos escuros. Há uma parte da ciência chamada genética, que estuda como as pessoas são formadas: cor de pele, cor e tipo de cabelo, cor de olhos... E muitas outras coisas. Por isso que as pessoas de uma mesma família se parecem tanto e outras da mesma família são tão diferentes. Tem o DNA...

E meus pais nos deram uma aula sobre essas coisas. Também nos mostraram fotos de muitas pessoas de nossa família e fotos de amigos. Miguel ficou tão quieto, prestando atenção, que dava gosto de ver. E olha que ele só ficava quieto para comer pipoca assistindo a desenho animado! Nem tudo o que meus pais falaram eu entendi muito bem, mas de uma coisa eu tive certeza: aquele "lápis cor de pele" estava errado. Errado demais.

No outro dia cheguei muito animada à escola, ansiosa para contar a minha descoberta. A professora nos colocou novamente nas carteiras em círculo e, depois de falar um pouco, perguntou se alguém queria dizer alguma coisa. Pensei, pensei bem. Fiquei com muita vontade de falar, mas não tive coragem. Ah, se eu fosse Miguel... Ele não tem vergonha de nada, não.